

A importância do Exército na descoberta da Amazônia

DEVO AS Forças Armadas as duas mais interessantes viagens que fiz em um ano. Na primeira, fui com a Marinha visitar a Antártida. Na segunda, conheci postos de fronteira do Exército na Amazônia. Ambas as viagens seriam impossíveis sem a ajuda da Aeronáutica.

Essa da Amazônia deveria ser feita por todos os brasileiros, o que é materialmente inviável.

Dá a necessidade de contar a história dessa aventura na selva, onde o Exército tem 20 postos avançados.

Alguns desses postos avançados, na fronteira com a Colômbia, por exemplo, estão em áreas onde talvez seja possível encontrar os dramas típicos da Amazônia: guerrilha, narcotráfico, biopirataria, pobreza, disputa com índios da região, ONGs idealistas, ONGs es-

tranhas —enfim, tudo isso que aparece, fragmentariamente, nos noticiários.

Quando se chega a um posto avançado, como o de Surucucu, na fronteira com a Venezuela, e se vêem as construções de madeira, tem-se a impressão de um forte daqueles que os americanos erigiam no oeste.

No entanto sua gênese é outra. Para construir um posto, é preciso

primeiro achar um lugar para aterrissar e depois construir a pista. Só então se trazem materiais e equipamentos.

Como trazer máquinas em pe-
quenos aviões? É preciso desmontá-las e remontá-las quando chegam à selva.

Construído o posto, aí sim começam os problemas. Como obter energia, como se relacionar com os índios, como se proteger das

doenças já conhecidas e de vírus raros que, às vezes, aparecem em pessoas que passaram pela região? Um trabalho cotidiano para sobreviver, mas que não pode ser apenas isso.

É preciso sair para a selva amazônica, fazer longas marchas de reconhecimento da região, aprender a escapar de cobras venenosas, descobrir frutas que podem nos alimentar em situações de

emergência. Em Surucucu, onde moram também algumas mulheres e crianças, existe ainda a delicada questão do relacionamento com os índios ianomâmis, cujo estágio é bem diferente daquele dos índios mais integrados na cultura brasileira.

De vez em quando, surgem problemas. Soldados solitários atravessam a fronteira étnica e, às vezes, têm casos amorosos com as índias.

Pelo que vi, isso é uma exceção, porque as próprias famílias dos militares censurariam esse enlace interétnico. Essas famílias sabem que representam o Brasil e que há regras para se comportar na selva amazônica. Além disso, estão preocupadas com a própria segurança e não querem hostilizar os índios.

O tempo que passei entre os soldados em Surucucu não me dá condições de formular uma opinião acabada. Mas foi suficiente para abrir minha cabeça para algumas novas idéias.

Com pouco mais de 24 mil homens, o Exército brasileiro cobre uma fronteira de 11 mil quilômetros. Ninguém está mais presente que eles, em termos de instituição. Qualquer política que se faça para a Amazônia tem que se apoiar nessa infra-estrutura, que não é só material.

Os militares estão entre os que conhecem melhor a Amazônia. Seu centro de treinamento na selva, baseado em Manaus, é considerado o melhor do gênero no mundo.

Remédios da floresta

Assim como a parceria com a Marinha é vital para conhecermos e influenciarmos o destino do continente antártico, a parceria com o Exército é vital para a Amazônia.

Em todos os postos, há pequenos laboratórios, por exemplo, destinados a pesquisar o sangue, o colesterol, a urina dos soldados. Em colaboração com a Fundação Oswaldo Cruz, estudam-se as doenças da floresta.

Se colocarmos um pouco mais de dinheiro e equipamento, esses postos podem se transformar em pontos de pesquisa também dos remédios da floresta.

Com essa proposta, poderemos dar um grande passo para otimizar a estrutura que o Brasil tem na selva.

Alguém pode perguntar se isso de procurar remédios tem algo a ver com a segurança nacional. Na minha opinião, conhecer e defender os remédios da floresta tem tudo a ver.

Mesmo porque, com o impulso da Amazônia, poderemos ampliar as alternativas de uma medicina popular e, com isso, ter mais chances de escapar do cerco dos laboratórios multinacionais.

Ser, o máximo possível, auto-suficiente em remédios, garantindo as patentes para o Brasil, remunerando com dignidade os conhecimentos nativos, pode não parecer uma grande diferença. Mas os confrontos serão crescentes no futuro. O caso dos remédios genéricos para a Aids é um sinal amarelo.

Potencial

Não adianta discursos morais sobre a Amazônia enquanto os garimpeiros, os madeireiros e outros predadores seguem sua via econômica. É preciso abrir caminhos que sejam ao mesmo tempo bons para a floresta e economicamente sustentáveis.

É até um pouco preocupante ter tanto potencial de intervenção na floresta e, ao mesmo tempo, tanta indiferença. Escrevi um diário de viagem que está disponível na Internet. Voltarei ao tema.

Só o nome das frutas que nos salvam na selva mereceria uma crônica inteira.

Imaginem áreas de conflito, como as do Plano Colômbia, ou a região de Raposa-Serra do Sol, onde índios brigam com índios, católicos com evangélicos, famílias com famílias.

Como muita coisa vai acontecer, em breve, na fronteira com a Colômbia, vamos voltar ao relato da viagem por ela. O calor dos roteiros vai aquecer a curiosidade pela selva.

INSTITUTO

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: FSP (Turismo)

Data: 9/4/2001 Pg F16

Class.: 100